

A VARIAÇÃO DO SUJEITO *NÓS* E *A GENTE* NA FALA FLORIANOPOLITANA

Izabel Christine Seara

RESUMO: *Cet article présente la variation pronominale des formes *nós* et *a gente* dans la fonction de sujet, dans la langue parlée à Florianópolis. Avec cette étude nous avons vu que l'alternance d'usage entre *nós* et *a gente* est en changement. Nous avons contrôlé divers facteurs. Parmi les facteurs linguistiques considérés pertinents pour les formes en étude nous avons eu le temps verbal, les degrés de connexion discursive et les traits sémantiques du sujet. Parmi les facteurs sociaux, nous avons eu comme signifiants: sexe, âge et scolarité. Nous avons confirmé la prédominance de la forme *a gente* pour le portugais parlé à Florianópolis, en particulier entre les jeunes de 15 à 24 ans.*

PALAVRAS-CHAVE: sociolinguística, variação, *a gente*, *nós*, tempo aparente.

INTRODUÇÃO

Um dos objetivos da Sociolinguística é detectar e controlar os princípios ou organizações diferentes daquelas da língua padrão (SANKOFF, 1988) e, perseguindo este objetivo, muitos são os trabalhos variacionistas, elaborados por todo o Brasil e fora dele. Alguns desses trabalhos trazem contribuições para o estudo da variação sintática, que envolve os pronomes e suas variantes (CAMERON, 1993; OMENA, 1996ab; LOREGIAN, 1996; PAREDES, 1994; SEARA, 1997). Neles tenta-se elucidar os diversos fatores capazes de condicionar tal variação. Alguns desses estudos nos dão pistas e mostram-nos quais os caminhos mais seguros para a busca desses condicionantes, dependendo do pronome a ser estudado.

Sabemos que fatores lingüísticos e pragmáticos, juntamente com características sociais do falante, influem na escolha da forma em situações de fala. Esta pesquisa tenta, então, explicar a preferência que o falante parece dar à forma *a gente* (OMENA, 1996a) referente à 1ª pessoa do plural¹ em detrimento do pronome

Izabel Christine Seara é Doutora em Lingüística pela USFC.

¹ Foram computadas apenas as formas *a gente* que se referiram à primeira pessoa do plural, descartando, portanto, as referentes à primeira do singular, pois em Seara (1989) já havia sido mostrado que o percentual de *a gente* tendo como referente a primeira pessoa do singular é bastante baixo.

nós, descobrindo os condicionantes lingüísticos e a atuação das características sociais do falante sobre esse uso.

Consideramos aqui somente a variação pronominal na posição sintática de sujeito das formas *nós* e *a gente*². Assim, definimos como expressão variável do sujeito a alternância dessas formas na posição de sujeito gramatical com o mesmo referente.

Ex:

- (1) *Devido ao analfabetismo dos pais né? da gente (informante + seus irmãos), então a gente (informante + seus irmãos) tinha dificuldade, porque eles não queriam que a gente (informante + seus irmãos) estudasse porque Ø tinha mais é que trabalhar e estudar.* (Inf.18-53-56)

Apresentamos como novidade nesta pesquisa, a inclusão da variável fluxo discursivo como possível condicionante no uso dessas variantes.

Introduzimos ainda três faixas etárias distintas (15 a 24 anos; 25 a 50 anos, acima de 50 anos) que nos possibilitaram verificar a variação em tempo aparente (LABOV, 1994), isto é, a observação da mudança em progresso, através do cruzamento de diferentes variáveis com a idade.

METODOLOGIA

Baseamo-nos em dados de entrevistas gravadas e codificadas pelo Projeto VARSUL (Projeto de Variação Lingüística da Região Sul do Brasil), dando-lhes tratamento estatístico e mostrando quais os fatores condicionantes de maior relevância para a variação no uso das formas *nós* e *a gente* na posição de sujeito. Para isso, trabalhamos com o Pacote Estatístico VARBRUL (PINTZUK, 1988), que executa as funções indispensáveis para processar os programas de regras variáveis e o de cruzamento de variáveis.

O *corpus* trabalhado foi composto de doze entrevistas de informantes florianopolitanos, com nível de escolaridade primário e colegial, sendo seis do sexo masculino e seis do feminino, subdivididos em três faixas de idade: quatro de 15 a 24 anos; quatro de 25 a 50 anos e quatro com mais de 50 anos.

Como variável dependente, controlamos as variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito, para verificar a frequência da forma *a gente*, ocorrência bastante enfatizada em diversos trabalhos sobre este pronome (MENON, 1995; OMENA & BRAGA, 1996; OMENA, 1996a, 1996b).

As variáveis independentes foram divididas em dois grupos: as lingüísticas e as sociais. Entre os grupos de fatores lingüísticos, controlamos Tempo Verbal, Graus de Conexão do Discurso, Fluxo Discursivo, Marca de Primeira Pessoa do Plural na Forma Verbal, Traço Semântico do Sujeito,

²Segundo Omena (1996a), as formas pronominais *nós* e *a gente* aparecem em maior número na função de sujeito do que nas outras funções.

Paralelismo Formal e *Status* Sintático da Oração. Os fatores sociais condicionantes testados foram Sexo, Faixa Etária e Escolaridade.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nossa hipótese inicial era a de que a variante *a gente* seria a mais freqüente, e isto se confirmou, pois obtivemos 72% de uso da forma *a gente* (cf. Fig. 1). Este percentual total do uso dessa variante é semelhante ao percentual encontrado por Omena & Braga (1996), que, para adultos, também foi de 70% na posição de sujeito no Rio de Janeiro. Duarte (1995) também faz referência ao desaparecimento do pronome *nós* em favor da forma *a gente* e à conseqüente simplificação do paradigma flexional dos verbos, através da perda, em grande parte do território nacional, da segunda pessoa direta representada por *tu* e *vós*, substituída pela segunda pessoa indireta, que usa a forma verbal de 3ª pessoa, e por um lento desaparecimento do pronome *nós*, substituído pela expressão *a gente*, que usa igualmente a forma verbal de 3ª pessoa.

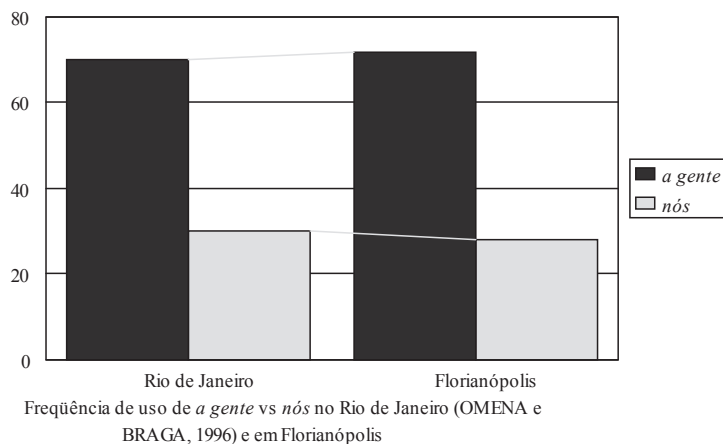


Fig.1

Relevância dos Fatores Controlados

Dentre os dez grupos de fatores controlados nesta pesquisa para as variantes *nós* e *a gente*, seis foram considerados significantes, sendo que o Tempo Verbal ocupou o primeiro lugar na ordem de relevância para o uso de *a gente*, seguido pelo Sexo, Traço Semântico do Sujeito, Faixa Etária, Graus de Conexão do Discurso e Escolaridade.

Grupos de fatores relevantes para as variantes em estudo

Grupo de Fatores	Nós vs a gente
Tempo Verbal	1º
Traço Semântico do Sujeito	3º
Graus de Conexão do Discurso	5º
Fluxo Discursivo	
Paralelismo Formal	
Marca de Concordância no Verbo	
Status Sintático da Oração	
Sexo	2º
Faixa Etária	4º
Escolaridade	6º

Fig.2

Pela Fig.2, notamos que a inclusão do grupo de fatores Graus de Conexão do Discurso como possível condicionante apresentou-se como melhor avaliador do uso das variantes em estudo do que o Paralelismo Formal, pois este, apesar de constantemente relevante em estudos sobre outros pronomes, aqui não se apresentou como significante. Isso indica que uma variável que avalie mais detalhadamente o comportamento de seqüências de sujeito, conforme já colocado por Paredes Silva (1991), apreende melhor as sutilezas no uso destes pronomes.

Um outro fato importante a se ressaltar é com relação aos condicionantes sociais. Sexo, Faixa Etária e Escolaridade foram considerados todos significativos.

Dada esta configuração geral, passamos à análise dos resultados apresentados pelos diversos grupos de fatores³.

Variáveis Lingüísticas

Tempo Verbal

No Tempo Verbal, variável já trabalhada em Duarte, 1995; Loregian, 1996; dentre outros⁴, observamos os tempos Presente, Pretérito Perfeito e Imperfeito do Modo Indicativo, pois são os de maior probabilidade de aparecimento, já que as entrevistas são, em sua maioria, relatos de casos passados ou de experiências pessoais passadas.

Loregian (1996) enfatiza uma parcial sobreposição entre o tempo verbal e a saliência fônica. Associando esses dois fatores condicionantes, essa autora verificou que o tempo verbal em que se encontrava o verbo exercia influência para uma maior concordância verbal com o pronome *tu*. Mostrou, por exemplo, que o

³Apresentaremos o peso relativo para os fatores que se mostraram relevantes nas análises do VARB2000 de *nós* vs *a gente*. Nos demais casos, apresentaremos somente o percentual de dados obtidos com as variantes em estudo.

⁴Nestes estudos foram analisados outros pronomes: Loregian (1996) -pronome tu e Duarte (1995) - pronomes ele, eles.

tempo Pretérito Perfeito do Indicativo, sendo o de nível mais alto de saliência, era o que mais apresentava concordância (76%). Já o tempo Pretérito Imperfeito, sendo o de menor saliência fônica, apresentou menor concordância (31%).

Dessa forma, associamos os tempos verbais de maior (Presente e Pretérito Perfeito do Indicativo) e de menor (Pretérito Imperfeito) saliência fônica na diferença entre a 1ª pessoa do plural e a 3ª pessoa de singular com a marca de concordância no verbo. Tínhamos, como hipótese, que os tempos verbais de menor saliência fônica teriam mais probabilidade de uso de *a gente* por serem os de maior queda da desinência verbal *-mos*, fugindo dessa maneira da falta de concordância.

Considerando a atuação do Tempo Verbal na escolha da variante, vemos, pela Fig.3, que existe menor probabilidade de se usar a variante *a gente* no Pretérito Perfeito do Indicativo (0,23) e no Presente do Indicativo (0,33). Com o Pretérito Imperfeito e com outros tempos verbais, a variante *a gente* apresenta maior probabilidade de uso (0,68 e 0,57, respectivamente).

Atuação do Tempo Verbal sobre a variante *a gente* (Florianópolis, VARSUL)

Tempo Verbal	Aplicação/Total	Frequência	Probabilidade
Pret. Imp. Indicativo	278/339	82%	0,68
Pret. Perf. Indicativo	48/95	51%	0,23
Presente Indicativo	142/224	63%	0,33
Outros tempos	40/52	77%	0,57

Fig.3

Este comportamento da variante *a gente* parece mesmo mostrar uma certa correlação entre a saliência fônica (LEMLE & NARO, 1977) e o tempo verbal. É interessante assinalar que o controle da concordância verbal⁵ mostrou serem os tempos verbais (Pretérito Imperfeito, por exemplo) que mais levam à não-concordância verbal os que aparecem com maior probabilidade de uso de *a gente*, justamente pela falta de saliência fônica na diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural⁶, ou melhor, parece que, para evitar o “erro”, procura-se a forma sem desinência. Ocorre o oposto, ou seja, mais emprego do pronome *nós*, nos tempos verbais em que há maior saliência fônica na diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural: Presente e Pretérito Perfeito.

Verificamos, através do cruzamento do grupo de fatores Marca de Primeira Pessoa do Plural com o Tempo Verbal, que os tempos verbais em que ocorreu menor percentual de queda da marca de 1ª pessoa do plural foram: Pretérito Perfeito e Presente do Indicativo (2% e 6%, respectivamente) (cf. Fig.4),

⁵A marca de concordância no verbo foi um dos fatores controlados, porém não detalharemos seus resultados porque não foi considerado significativo.

⁶No Pretérito Imperfeito, tempo em que temos uma menor saliência fônica na diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural (*cantava/cantávamos*), houve um aumento na frequência de queda da desinência número-pessoal *-mos* (68%). Para os outros tempos verbais, a falta de concordância foi de 66%.

possivelmente, devido à maior saliência fônica na diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª pessoa do plural, fazendo com que nesses tempos verbais haja menos falta de concordância, daí a não necessidade de recorrer à variante *a gente*.

Os dados também nos mostraram que, em Florianópolis, a frequência de ocorrência da perda da desinência *-mos* é de 28% entre os dados referentes ao pronome *nós* e de apenas 1% de ocorrência de *a gente* mais verbo com a desinência *-mos*.

Frequência de uso da variante nós com e sem a desinência *-mos* nos tempos verbais testados (Florianópolis, VARSUL)

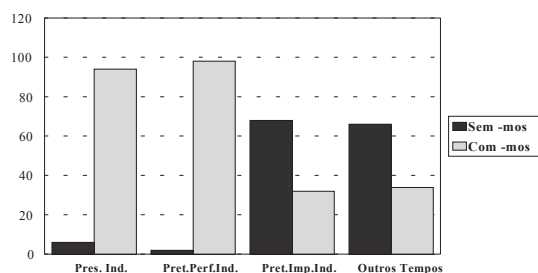


Fig.4

*Traço Semântico do Sujeito*⁷

Essa variável já foi testada por Cameron (1993) para a avaliação da especificidade do pronome “tú” (em espanhol) e principalmente em estudos com a forma *a gente* (OMENA, 1996a), visto que esta era inicialmente considerada uma forma de asserção menos específica do sujeito, sendo a razão de seu uso. Porém cada vez mais a questão da menor especificidade do sujeito começa a desaparecer com relação à forma *a gente*.

Ao que parece, o significado dessa variante (*a gente*), quer semântica, quer gramaticalmente, se modificou, pois acresceu-se ao significado originalmente indeterminado a referência à pessoa que fala, passando assim à forma determinada e, quanto à visão gramatical, ela deixa de ser substantivo para integrar o sistema de pronomes pessoais, apesar de sua não inclusão, até o presente, no quadro de pronomes nas gramáticas tradicionais (ROCHA LIMA, 1992; NICOLA e INFANTE, 1995, por exemplo).

Este grupo ficou codificado da seguinte forma:

⁷ Este grupo poderia ser analisado em profundidade talvez em outra pesquisa, separando esta menor ou maior especificidade em número de pessoas do grupo (maior ou menor número), conforme feito em Omena (1996a).

- [+ específico] - definido semanticamente
 - (2) *Eu era aprendiz de marinho. Eu conheci ela foi no mês de abril ou maio de mil novecentos e quarenta. Ai nós (eu + ela) ficamos correspondendo, coisa e tal.* (Inf.06-591)
 - (3) *Toda vida assim eu e ela, a gente, (eu + minha mãe) toda vida, se deu muito bem mesmo, eu e a mãe, né?* (Inf.03-1068)
- [- específico] - não definido semanticamente
 - (4) *Até nos ônibus, uma pessoa grávida, uma senhora de idade, um senhor de idade (...) é a mesma coisa que nada. Ninguém levanta pra dar lugar hoje em dia. (...) Hoje não. Hoje a gente (eu + as pessoas em geral no mundo de hoje) vê as pessoas virem cansadas dentro do ônibus (...)* (Inf.04-220)

Pelos resultados da Fig.5, podemos dizer então que forma *a gente* é favorecida pelo traço [- específico] (0,68), porém também passa a ser associada ao traço [+ específico] (0,44).

Com o sujeito [-específico], a probabilidade de uso de *a gente* é superior a de *nós* (0,68 contra 0,32). Todavia, com o traço [+específico], há uma leve diminuição no uso de *a gente* (0,44 contra 0,56 para *nós*), mostrando, dessa forma, um comportamento não mais insignificante dessa variante em relação à maior especificidade semântica do sujeito.

Atuação do Traço Semântico do Sujeito sobre a variante *a gente* (Florianópolis, VARSUL)

Traço Semântico	Aplicação/Total	Frequência	Probabilidade
[+ específico]	385/553	70%	0,44
[- específico]	140/180	78%	0,68

Fig.5

Graus de Conexão do Discurso

A terceira variável lingüística considerada significativa foi o *Grau de Conexão do Discurso*. Esse grupo de fatores foi proposto por Paredes Silva (1994). Essa autora mostrou que, no caso do discurso, o critério de mudança de referentes (CAMERON, 1993) é um tanto restrito, pois não apreende adequadamente dados que, por exemplo, pertencem a um comentário parentético, levando em conta somente “a mera cadeia referencial” (PAREDES SILVA, 1994, p.61). Esse caso, sem dúvida, configuraria uma situação bastante diferente na questão da identidade de sujeitos numa seqüência narrativa, por exemplo. Os graus, no entanto, aprofundam e detalham a análise dos referentes, levando em conta mais componentes do contexto discursivo.

Nossa hipótese era que a variação no emprego dos pronomes em estudo não estaria relacionada apenas às orações, mas sim a propriedades discursivas. Segundo Li & Thompson (*apud* PAREDES SILVA, 1991, p.26), o grau de preferência de um pronome em uma oração corresponderia inversamente ao seu grau de conexão com a oração precedente. E a conexão poderia ser seriamente

afetada por: troca de interlocutor, mudança de plano ou de tópico discursivo, papel de elementos interferentes.

Assim, seguimos a idéia de Paredes e introduzimos o critério escalar dos graus de conexão do discurso, já que esses graus permitem captar tendências para o uso de pronomes, levando em conta informações que não são sintáticas no sentido restrito, mas decorrem do modo de organização discursiva. (PAREDES SILVA, 1991) Porém, houve a necessidade de algumas adaptações, dada a diferença de material para análise. A autora citada analisou pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, enquanto que pronomes de 1ª pessoa do plural seriam nosso material.

Com relação aos pronomes, existem as questões de referencialidade que, quando se trata de um pronome plural, envolvem referentes os quais, por exemplo, podem estar no texto, porém de forma dispersa.

Paredes Silva (1994b) apresentou seis graus de conexão discursiva. Inicialmente aumentamos esse número para oito, a fim de que pudéssemos englobar todas as peculiaridades do modelo discursivo e as diversas maneiras de se retomar esse referente de primeira pessoa do plural. Por exemplo, algumas orações que apresentavam os pronomes em estudo tinham na oração anterior somente um dos referentes, mas, se voltássemos mais uma ou duas orações, encontrávamos o(s) outro(s):

- (5) *Eu chorava tanto, chorava tanto, que eu dizia pra minha mãe adotiva: Não me deixa ela me levar, não me deixa. E daí, a gente* (eu + minha mãe adotiva + minha mãe verdadeira) *foi até o juízo pra registrar e a mãe foi deixar ela me registrar.* (Inf. 03-131)

Como podemos notar no exemplo acima, todos os referentes estão presentes no texto, porém uns em posição de sujeito (“... eu dizia...”), outros não (“... dizia pra minha mãe adotiva...”). Achamos então interessante elaborar graus de conexão que também levassem em conta essas diferenças. Consideramos a retomada desses referentes, retornando até 10 orações. Acima desse número, temos mudança de tópico discursivo ou grande distância referencial. Ao final, percebemos que poderíamos controlar apenas 5 graus⁸, os quais citamos e exemplificamos a seguir:

- **GRAU 1:** Mesmo referente sujeito da oração anterior na posição de sujeito, com ou sem intercalação de material impessoal.

- (6) *A gente se matava mesmo, a gente lavava, passava, cozinhava.* (Sem intercalação de material impessoal) (Inf.08-1036)

- (7) *Separamos a primeira vez, fez dois anos, mas aí ficamos naquele vai e volta.* (Com intercalação de material impessoal) (Inf.03-627)

⁸ Os graus 3, 4, 5 e 6, relativos aos referentes dispersos no texto, foram amalgamados em um único grau - Grau 3.

- **GRAU 2:** Mesmo referente da oração anterior em posição não sujeito, com ou sem intercalação de material impessoal.
 - (8) *A nossa diversão era feita por nós mesmos. Nós fazíamos carrinho de laranja...* (Inf.04-103)⁹
- **GRAU 3:** Retoma integralmente referentes na posição de sujeito ou mistos (posição de sujeito e não-sujeito) dispersos no texto.
 - (9) *Aí eu vim embora, aí eu vim embora. Aí ele pegou, a gente (eu + ele) assim já tinha se discutido...* (Inf.03-957)
 - (10) *Eu encontrei com ele. Nós (eu + ele) estávamos lembrando aquela época, aquela época boa.* (Inf.03-835)
 - (11) *Eu vou telefonar pra Graça e vou falar pra ela, perguntar pra ela se a gente (eu + meus filhos) pode ir passar o final de semana lá. (Ampliou o conjunto) (Inf.03-653)*
 - (12) *Deus não teve coisa melhor pra me dar. A gente (eu + família) era pobre, mas pode ter certeza que eu não ganhei coisa melhor na minha vida do que aquela mãe que Deus me deu. (Ampliou o conjunto) (Inf.03-210)*
- **GRAU 4:** Entre um dado e outro há inserção de um sujeito diferente.
 - (13) *Vamos ver, né? Já que os velhos não fizeram nada, né? Então vamos ver se o homem faz alguma coisa, né?* (Inf.06-761)
 - (14) *Nós fazíamos boizinho daquilo ali. Que, quando nossos avós ou nossos parentes faziam carrinho desse de puxar mesmo, com rodinha bonitinha e tal, a gente trazia, fazia caminhezinho pelas estradas.* (Inf.03-888)
- **GRAU 5:** Mudança de tópico discursivo ou grande distância referencial (mais de 10 orações).

Pela Fig.6, podemos notar que o Grau 1, apesar de sua aparente neutralidade (peso relativo próximo de 0,50), e os Graus 2 e 3 (0,46 e 0,42, respectivamente) mostraram-se menos propensos ao uso de *a gente* do que o Grau 4.

Independentemente do pronome anterior ao sujeito intercalado ser o mesmo ou diferente ao da oração subsequente à oração intercalada com sujeito diferente, o Grau 4 mostrou uma tendência maior ao uso da variante *a gente* (0,69).

Para uma análise mais fina, cruzamos os condicionantes Grau 4 (Graus de Conexão Discursivo) e Presença de Pronome Diferente da Oração Anterior (Paralelismo Formal) e vimos que o grau 4 da escala, cuja conexão é mais afetada, pois entra em cena um outro sujeito, representando um interferente potencial, leva a uma ruptura na seqüência discursiva, fazendo com que o informante utilize, em 83% das ocorrências, o pronome *a gente* quando o pronome usado na frase anterior

⁹ Este grau apresentou apenas 10 ocorrências e em nenhuma delas houve intercalação de material impessoal.

à do sujeito intercalado era *nós*. Essa preferência também se confirma quando temos o mesmo pronome usado na frase anterior ao do sujeito intercalado, ou seja, *a gente* era retomado na oração subsequente em 86% dos casos.

Atuação dos Graus de Conexão do Discurso sobre a variante *a gente* (Florianópolis, VARSUL)

Graus	Aplicação/Total	Frequência	Probabilidade
Grau 1	175/236	74%	0,51
Grau 2	07/10	70%	0,46
Grau 3	86/140	61%	0,42
Grau 4	85/99	86%	0,69
Grau 5	153/221	69%	0,45

Fig.6

Os resultados mostraram então que esse critério escalar é mais adequado para os dados em estudo do que o paralelismo formal, pois permitiu apreender diferenças, por exemplo, em relação a elementos interferentes impessoais (Graus 1 e 2) e de outras pessoas gramaticais diferentes dos dados (Grau 4).

Variáveis Sociais

Conforme já foi dito, este estudo trata somente da fala florianopolitana. Como queríamos verificar a questão da progressão da mudança em tempo aparente, coletamos dados correspondentes a três faixas etárias distintas: a dos jovens (com idades entre 15 e 24 anos), a dos adultos (com idades entre 25 e 50 anos) e a dos mais velhos (com mais de 50 anos de idade). A essas variáveis sociais adicionamos a escolaridade (primário e colegial) e o sexo.

Sexo

Os resultados da Fig.7 mostram que os informantes do sexo masculino inclinam-se mais ao uso da variante *nós* (0,70), enquanto com as mulheres ocorre o inverso, ou seja, tendem mais à variante *a gente* (0,66).

Atuação do Sexo sobre a variante *a gente*
(Florianópolis, VARSUL)

Sexo	Aplicação/Total	Frequência	Probabilidade
Masculino	192/318	60%	0,30
Feminino	333/415	80%	0,66

Fig.7

Inicialmente isto parece poder estar associado ao mercado de trabalho. Visto a idéia de informalidade do pronome *a gente*, os homens sofrendo mais as pressões do mercado de trabalho, tenderiam a utilizar a variante mais formal do que as mulheres. Mas retomaremos este fato mais adiante, fazendo o cruzamento do sexo com a faixa etária, a fim de verificarmos essa questão na faixa etária que

mais sofreria estas pressões, ou seja, aquela compreendida entre os 25 e 50 anos de idade.

Faixa Etária

A hipótese clássica da mudança em tempo aparente (LABOV, 1994) nos coloca que o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida pelo falante na época da puberdade. Isso pode ser encontrado na fala de sucessivas faixas etárias. Por exemplo, uma gravação feita em 1989 com um falante de 55 anos corresponderia ao estado da língua adquirida em 1949 (i.e. há 40 anos).

Querendo observar uma possível mudança em tempo aparente, coletamos dados de informantes em três faixas etárias (15 a 24 anos, 25 a 50 anos, acima de 50 anos) nas quais se pudesse ver a progressão dessa mudança.

Podemos notar, pela Fig.8, que a forma *a gente* é mais favorecida na faixa etária mais jovem (0,69) do que na intermediária (0,51). Na faixa de idade acima de 50 anos, a probabilidade de uso de *a gente* continua em declínio (0,40). Talvez esse dado nos indique que a forma *nós* está cedendo lugar para *a gente*.

Atuação da Faixa Etária sobre a variante *a gente*
(Florianópolis, VARSUL)

Faixa Etária	Aplicação/Total	Frequência	Probabilidade
15-24 anos	93/122	76%	0,69
25 - 50 anos	245/352	70%	0,51
Mais de 50 anos	187/259	72%	0,40

Fig.8

Todos estes dados se assemelham aos de Omena (1996b), em que a faixa de idade mais avançada (50 a 71 anos) apresenta uma probabilidade menor da variante *a gente* (0,26 no de Omena e 0,40 nesta pesquisa); nas faixas intermediárias, 25 a 49 anos, a probabilidade de uso da variante *a gente* aumenta (em Omena para 0,36 e em nossa pesquisa para 0,51). Mas é na faixa de idade mais jovem que temos um forte favorecimento da variante *a gente* (0,69), o que também é constatado por Omena (0,67).

Nossos resultados, mostrados na Fig.9, apresentam um padrão linear que ratifica o que dizem Silva & Paiva (1996, p.367): o fenômeno da alternância entre as formas *nós* e *a gente* “aponta efetivamente para uma variação envolvendo mudança.”

Curvas de probabilidade de uso de *nós* e *a gente* em Florianópolis, segundo a idade (VARSUL).

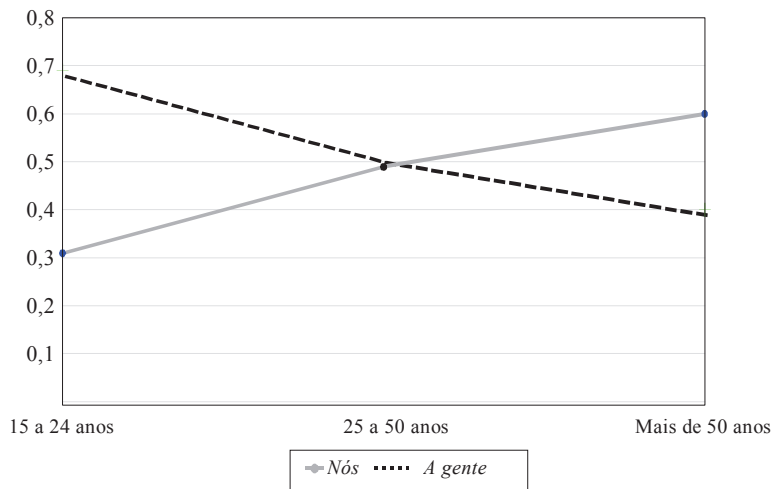


Fig.9

Considerando ainda a Fig.9, vemos que, na faixa etária de 25 a 50 anos, ocorre um decréscimo no uso de *a gente* e um aumento de uso de *nós*. Para melhor avaliarmos essa situação que, aparentemente, se deve ao colocado por Naro (1991a, p.126) e Silva (1994, p.105) acerca das pressões do mercado de trabalho, considerando-se a variante *a gente* como menos prestigiada socialmente, faremos o cruzamento da idade com o sexo, para visualizarmos melhor a diferença de comportamento entre homens e mulheres.

Escolaridade

É preciso salientar, primeiramente, que a abordagem das condições de uso das formas *nós* e *a gente* não se dá de forma explícita na escola, apesar de se estigmatizar o uso de *a gente* + verbo na 1ª pessoa do plural (Ex: *A gente vamos*). No entanto, não se vê na escola nenhum exercício escrito em que se tenha como pronome a conjugar a forma *a gente*. Esta variante nem mesmo consta da lista de pronomes das gramáticas. Assim parece que, quanto mais escolarizado, mais se aproximaria o falante da forma *nós*, visto que será ela a mais exercitada nos anos de escolarização. Passemos então aos resultados obtidos.

A escolaridade foi o último fator selecionado na ordem de relevância no uso da variante *a gente*. Na faixa de escolaridade colegial, a variante *a gente* é mais favorecida (0,56) do que na faixa de escolaridade primária (0,46). Isso parece mostrar que, à medida que se aumenta o grau de escolaridade, se tende a um maior uso dessa variante. Esperava-se, no entanto, que, com o aumento da escolaridade,

se tivesse justamente o contrário, já que na escola as variantes mais formais são as privilegiadas. E é a variante *nós* considerada a mais formal, sendo codificada nas gramáticas escolares e transformada em norma a ser aprendida, conforme salientamos acima.

Atuação da Escolaridade sobre a variante *a gente*
(Florianópolis, VARSUL)

Escolaridade	Aplicação/Total	Frequência	Probabilidade
Primário	290/415	70%	0,46
Colegial	235/318	74%	0,56

Fig.10

Omena (1996a, p.319), porém, também obteve os mesmos resultados com relação ao primário e colegial e aponta como causas desse comportamento:

- a) ser, no primário, justamente no 4º ano, que se inicia “o estudo sistemático da conjugação verbal”, daí o favorecimento então da variante *nós*;
- b) ser, no colegial, a forma *a gente* sentida quase como gíria. Assim sabendo-se que não é raro adolescentes e universitários usarem mais gírias do que os demais falantes para terem uma maior identificação com o grupo, não se estranha ter-se uma maior tendência ao uso de *a gente* nesta faixa de escolaridade.

Essas mesmas razões podem justificar os resultados constantes da Fig.10, nos quais o aumento da escolaridade favoreceu o uso da variante menos formal.

Silva & Paiva (1996, p.343) constatam que os falantes de maior escolarização tendem a privilegiar mudanças que implementam uma forma socialmente aceita que é justamente o que ocorre em nossos dados com a variante *a gente*. (Fig.10).

Sexo versus Faixa Etária

Nas faixas de idade extremas (jovens e velhos), (cf. Fig.11), notamos que as mulheres usam mais *a gente* do que os homens (95% e 86% contra 31% e 36%, respectivamente). Na faixa intermediária (25 a 50 anos), os homens privilegiam a forma *a gente* (74%), enquanto, entre as mulheres, há um decréscimo no uso de *a gente* (63%). Isso estranhamente se contrapõe ao que dizem Naro (1991a, p.126) e Silva (1994, p.105), para os quais os homens apresentaram-se como mais conservadores, ou seja, seriam os mais relutantes ao uso dessa nova forma pronominal (*a gente*), principalmente na faixa de idade mais atuante profissionalmente, pois a maior parte dos homens está dentro do mercado de trabalho. No entanto, achamos que podemos justificar o comportamento feminino pela entrada cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho, fazendo com que elas passem a se vigiar mais quanto ao uso de formas prestigiadas socialmente. Essa nova atitude das mulheres justificaria essa diferença. Talvez esses dados merecessem um estudo qualitativo, levando em conta as atividades realizadas pelos informantes analisados.

Uma outra possível razão para esse comportamento diferenciado na faixa entre 25 e 50 anos pode ser a verificada em Silva & Paiva (1996, p.368). Para essas autoras, a mulher, sabendo de seu papel efetivo na socialização das crianças, sente-se “responsável pela transmissão das normas de comportamento social, dentre elas o lingüístico”, cabendo à mulher “a obrigação de ser o modelo exemplar”. E esse comportamento se justificaria principalmente nesta faixa etária em que a mulher está criando e educando seus filhos.

Silva & Paiva (1996, p.368) colocam também que a mulher tem menores oportunidades sociais, o que a leva a ter um maior formalismo, pressionando-a a uma linguagem mais correta. Isto ratifica o que dissemos sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho, situação nova que a obriga a utilizar as formas mais prestigiadas socialmente. O homem, no entanto, dizem essas autoras, “possui uma vida social mais intensa e um maior contato com seus iguais”, criando “o compromisso de partilhar idéias e atitudes do grupo que participa”. Para elas, os homens estariam mais sujeitos ao que Labov (*apud* SILVA & PAIVA, 1996, p.368) chama de “prestígio encoberto” das formas lingüísticas, “o falante “quer” usá-las, pois elas garantem a sua identidade com o grupo” (cf. Fig.11).

Assim, ao que parece, a forma *a gente* é socialmente aceita, mas a forma mais privilegiada socialmente parece ser ainda a forma pronominal *nós*, essa seria a razão do comportamento feminino na faixa intermediária (faixa de idade em que as mulheres estão entrando no mercado de trabalho).

Frequência de uso de *a gente* - cruzamento de Sexo e Faixa Etária (Florianópolis, VARSUL)

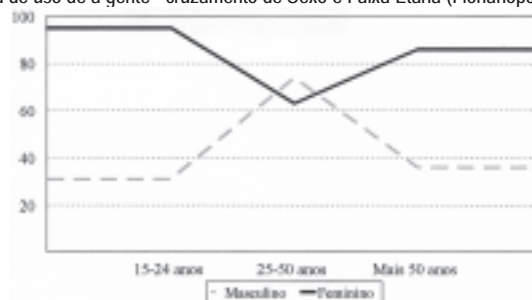


Fig.11

Ainda pela Fig.11, verificamos que entre os falantes mais jovens (15 e 24 anos) reside a maior diferença entre os sexos, contradizendo o afirmado por Silva (1994, p.104) sobre “a distância dos comportamentos masculinos e femininos” diminuírem “entre os falantes mais jovens, criados mais semelhantemente do que os velhos”, pois é na faixa de idade compreendida entre 15 e 24 anos que está a maior distância de comportamento entre os sexos.

A Indeterminação Semântica do Sujeito versus a Faixa Etária

Quando o sujeito é indefinido semanticamente, existe uma elevada frequência de uso da variante *a gente* (100% para a faixa de 15 a 24 anos; 96% para a faixa de 25 a 50 anos; decrescendo para 61% na faixa acima de 50 anos).

Estes resultados também indicam que se o sujeito é definido semanticamente não existe mais a antiga rejeição ao uso da forma *a gente*, por sua característica de indefinição (73% de uso da variante *a gente* na faixa etária de 15 a 24 anos; 63% na faixa de 25 a 50 anos e 79% na faixa acima de 50 anos). O que corrobora com a idéia de que a variante *nós* cede lugar à variante *a gente*.

CONCLUSÃO

Com este estudo, pudemos verificar que a variante *a gente* é a mais freqüente. Investigando as diferentes variáveis que podem condicionar o uso de *a gente* em detrimento de *nós*, vimos que nos tempos verbais em que há menor saliência fônica na diferença entre a 3ª pessoa do singular e a 1ª do plural, como por exemplo no Pretérito Imperfeito, temos maior probabilidade de uso de *a gente*.

Vimos ainda que se preserva a predominância da forma *a gente* em frases cujo sujeito é indeterminado semanticamente, ou seja, que o traço [-específico] continua associado à variante *a gente*, no entanto o traço [+específico] também passa a ser associado a essa variante.

A questão da mudança em tempo aparente, verificável através das três faixas etárias, também foi introduzida nesta pesquisa e, ao que tudo indica, há efetivamente um processo de mudança em curso.

BIBLIOGRAFIA

- CAMERON, R. Ambiguous agreement, functional compensation and nonspecific tú in the Spanish of San Juan, Puerto Rico and Madrid, Spain. *Language Variation and Change*, n. 5, New York, Cambridge University Press, 1993.
- DUARTE, M.E.L. *A perda do princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. UNICAMP, 1995. Resumo da Tese de Doutorado.
- LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- _____. The use of the present to explain the past. In: *Principles of Linguistic Change - Internal Factors*. Oxford, Blackwell, 1994.
- LEMLE, M. e NARO, J.A. *Competências básicas do Português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras. Fundação Movimento de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford. Rio de Janeiro, 1977.

- LOREGIAN, L. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do Sul do Brasil*. UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.
- MENON, O. P. da S. *A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no Português do Brasil?* II Encontro Nacional sobre Língua Falada e escrita, UFAL, Maceió, 1995.
- NARO, A. Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico. In: MOLLICA, Cecília Maria (Org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro, Cadernos Didáticos, UFRJ, 1991.
- _____. Idade. In: MOLLICA, Cecília Maria (Org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro, Cadernos Didáticos, UFRJ, 1991a.
- NICOLA J. de e INFANTE, U. *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*. 14 ed., São Paulo, Scipione, 1995.
- OMENA, N.P. e BRAGA, M.L. A Gente está se gramaticalizando? In: *Variação e Discurso*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.
- OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, G.M. e SCHERRE, M.M.P.(Org.) *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996a.
- _____. As influências sociais na variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, G.M. e SCHERRE, M.M.P.(Org.) *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996b.
- PAREDES SILVA, V. L. Por trás das frequências. *Organon*, Porto Alegre, v. 5, n 18, UFRGS, 1991.
- _____. *O caso dos pronomes-sujeito*. ABRALIN. Boletim da Associação Brasileira de Linguística, n. 15, jul. 1994.
- PINTZUK, S. *VARBRUL programs*. Mimeografado. (Original e Tradução de Ivone Isodoro Pinto, revisão de Maria Thereza Gomes Fioretti e Coordenação de Maria Marta Scherre), 1988.
- POPLACK, S. *Function and process in a variable phonology*. Dissertation, University of Pennsylvania, 1979.
- ROCHA LIMA, C.H. da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 31ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.
- SANKOFF, D. Sociolinguistics and syntactic variation. In: *Language: the socio-cultural context*, v. IV, Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- SEARA, I. C. *Concordância verbal: “nós” e “a gente” na posição sujeito*. Monografia de final de Curso. Não publicado, 1989.
- SEARA, I. C. *Expressão variável do sujeito nós e a gente na fala de informantes florianopolitanos*. Anais do 2º Encontro do CELSUL, v. 2, 1997.
- SILVA, G.M. Velhas e novas (Histórico). ABRALIN. Boletim da Associação Brasileira de Linguística, n. 15, jul. 1994.
- SILVA, G.M. e PAIVA, M.C.A. A visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA, G.M. e SCHERRE, M.M.P.(Org.) *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.